

*Viver e morrer em São Paulo*

FUNDAÇÃO EDITORA DA UNESP

*Presidente do Conselho Curador*

Mário Sérgio Vasconcelos

*Diretor-Presidente / Publisher*

Jézio Hernani Bomfim Gutierre

*Superintendente Administrativo e Financeiro*

William de Souza Agostinho

*Conselho Editorial Acadêmico*

Júlio Cesar Torres

Luís Antônio Francisco de Souza

Marcelo dos Santos Pereira

Maurício Funcia de Bonis

Patricia Porchat Pereira da Silva Knudsen

Ricardo D'Elia Matheus

Sílvia Maria Azevedo

Tatiana Noronha de Souza

Trajano Sardenberg

*Editores-Adjuntos*

Anderson Nobara

Leandro Rodrigues

JEFFREY LESSER

*Viver e morrer em São Paulo*

*Imigração, saúde e infraestrutura urbana  
(século XIX até o presente)*

Tradução  
Giuliana Gramani



© 2025 Jeffrey Lesser

© 2025 Editora Unesp para esta tradução

Título original: *Living and Dying in São Paulo: Immigrants, Health, and the Built Environment in Brazil*

Direitos de publicação reservados à:

Fundação Editora da Unesp (FEU)

Praça da Sé, 108

01001-900 – São Paulo – SP

Tel.: (0xx 11) 3242-7171

Fax: (0xx 11) 3242-7172

[www.editoraunesp.com.br](http://www.editoraunesp.com.br)

[www.livrariaunesp.com.br](http://www.livrariaunesp.com.br)

[atendimento.editora@unesp.br](mailto:atendimento.editora@unesp.br)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva – CRB-8/9410

---

L638v

Lesser, Jeffrey

Viver e morrer em São Paulo: imigração, saúde e infraestrutura urbana (século XIX até o presente) / Jeffrey Lesser; traduzido por Giuliana Gramani. – São Paulo: Editora Unesp, 2025.

Tradução de: *Living and Dying in São Paulo: Immigrants, Health, and the Built Environment in Brazil*

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-5711-278-6

1. História do Brasil. 2. Imigração. 3. São Paulo. 4. Bom Retiro.  
5. Diáspora judaica. I. Gramani, Giuliana. II. Título.

2025-2493

CDD 981

CDU 94(81)

---

Este livro está disponível gratuitamente em uma edição de acesso aberto graças ao generoso apoio da Emory University e da Andrew W. Mellon Foundation.

Editora afiliada:

  
Asociación de Editoriales Universitarias  
de América Latina y el Caribe

  
Associação Brasileira de  
Editoras Universitárias

*Dedicado à memória de:*

*William Morris Lesser, זייל*

*Irma Friedlander Lesser, זייל*

*Michael Shavitt, זייל*

*Silvana Levi Shavitt, זייל*

*Warren Dean*

*Anani Dzidzienyo*



## Sumário

Uma longa lista de agradecimentos	9
Introdução: Vende-se uma arma	15
As pessoas e o espaço	21
Chegadas	26
Resíduos	29
Espaços	33
Métodos que levam a perguntas	43
Equipes	44
O que vem a seguir?	50
<i>Post scriptum</i>	51
I. Nomear uma morte	53
Passados e presentes entrelaçados	57
Espaços lotados	63
O Bom Retiro toma forma	66
Os imigrantes e a expansão urbana	74
Geografias do trabalho imigrante	79
Iluminando a escuridão	89
<i>Post scriptum</i>	93
2. O Bom Retiro é o mundo?	97
Geografias alterizadas	106
Bom Retiro afrodiaspórico	112

Construindo alturas e seus descontentamentos 119

*Post scriptum* 127

3. Saúde ruim em um bom retiro 129

Imigrantes doentes em habitações insalubres 131

Edifícios ao ataque 147

Salvando um bairro doente 156

*Post scriptum* 161

4. Impondo a saúde 165

As dores da revolta 166

Policiando a saúde dos imigrantes 171

Policiamento médico 176

*Post scriptum* 203

5. Um primeiro bloco de saúde 207

O verão de 2015-2016 no Brasil 216

Um conto de duas equipes 220

Estados de saúde 223

Espaços sagrados de saúde 229

*Post scriptum* 251

6. Ratos mortos e imigrantes mortos-vivos 255

Ratos! 260

Gripe! 272

Gente como a gente 291

*Post scriptum* 302

Uma conclusão: Luz e escuridão em uma cidade santa 305

Referências 311

Índice remissivo 373

## *Uma longa lista de agradecimentos*

Este livro foi concebido durante uma reunião muito tediosa de chefes e coordenadores de departamento. Felizmente, eu estava sentado com a turma do fundão, incluindo Uriel Kitron, que os leitores conhecerão no texto. Enquanto discutíamos nossos interesses de pesquisa em comum no Brasil, começamos a pensar em um projeto sobre a relação entre imigração e saúde. Não demorou muito para que oferecêssemos juntos um curso interdisciplinar sobre o tema e obtivéssemos uma bolsa para trazer alguns alunos dessa turma ao Brasil.

À medida que o projeto avançava e eu me interessava mais em trabalhar em equipes, a necessidade de financiamento cresceu. Muitas instituições e indivíduos deram suporte a este projeto e ao que se tornou o Coletivo de Pesquisa Lesser, e todos merecem imensos agradecimentos. Minha primeira grande bolsa veio do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA-USP), cujos diretores, Martin Grossmann, Paulo Saldiva e Guilherme Ary Plonski, foram incessantemente generosos. No IEA, Rafael Borsanelli e Richard Meckien me deram um apoio extraordinário, assim como a equipe maravilhosa: Marisa Macedo Gomes Alves, Fátima Moreno, Fernanda Cunha Rezende, Tizuko Sakamoto, Aziz Salem, Raimunda Rodrigues dos Santos, Sandra Sadini, Marlene Signoretti e João Fernando da Silva. Lá, faço parte do grupo de pesquisa Diálogos Interculturais, coordenado por Sylvia Duarte Dantas e Paulo Daniel Farah, e eles e todos os membros me inspiraram de diversas maneiras.

O Coletivo de Pesquisa Lesser foi coliderado durante a maior parte da pesquisa para este livro pela dra. Emily Sweetnam Pingel, analista de

políticas do Centro Nacional de Imunização e Doenças Respiratórias. Os membros da equipe que fizeram pesquisas apresentadas neste livro incluem a dra. Sara Kauko e o dr. Alexander Cors, juntamente com Bianca Letícia de Almeida, Juliana Casagrande, Jenn Choe, Doris Cikopana, Orlando Guarnier Cardin Farias, Vitória Martins Fontes, Daniella Gonzalez, Sabrina Jin, Beatriz Kalichman, Delphine LaCroix, Julia Chaejin Lee e Alexandra Caridad Llovet. Durante as etapas finais deste projeto, Cintia Rodrigues de Almeida, Monaliza Caetano dos Santos, Victoria Maza, Luanna Mendes do Nascimento, María José Vélez Ruggieri e Surbhi Shrivastava se tornaram interlocutoras e aprimoraram imensamente a obra. A abrangente produção de pesquisa que emergiu do coletivo está incluída na bibliografia.

Há muitos anos, os moradores do Bom Retiro são parceiros deste projeto. Para cujas casas e locais de trabalho visitei em atendimentos domiciliares e que encontramos nas ruas, *thank you*, muito obrigado, *muchas gracias*, 감사합니, Aguyjevete ndéve, 谢谢 e אודאנא.

As observações feitas pelo Coletivo de Pesquisa Lesser na Unidade Básica de Saúde do Bom Retiro começaram quando o dr. Francisco Moreno Carvalho ל״ל nos apresentou a Clélia Neves Azevedo, que liderou a equipe até 2021, e ao dr. Fernando Cosentino, que continua à frente da Equipe Verde. Na clínica, meus agradecimentos vão para os médicos, enfermeiros, agentes comunitários de saúde e outros profissionais de saúde que apoiaram a pesquisa e ajudaram a garantir que eu estivesse saudável. Angélica Souza fez tudo acontecer, Sandra Montanari me ensinou muitas palavras especiais do Bom Retiro e Ana Maria Barreto me convidou à sua casa muitas vezes. Os membros da Equipe Verde – incluindo Vanessa Wilde Ambrosio, Marcela Borges de Souza, Marina Cândido da Mata, Dany Colin, Leide Dayanne, Muriel Flores, Lene Gonçalves, Tica Porto, Luciana Menjou, Su Ribeiro e Sheila Vasconcelos – não poderiam ter dado mais apoio. Obrigado também a Evelyn Fabiana Costa, Patricia Debiaze, Edilson Olimpio dos Santos, Sandra Faustino, Barbara Ferreira, Jorge Gutierrez, Sandra Maida, Dafni Paiva, Carol Silva, Patty Torres, Janete Uchoa e Felipe Lucas Ribeiro da Silva.

Uma bolsa Fulbright sênior me permitiu concluir a pesquisa, e o dr. Luiz Loureiro, Patricia Domenico R. Grijó, Christiane Nagayassu e Taynara Barros, da Comissão Fulbright Brasil, deram um apoio incrível, como têm

feito ao longo de muitos anos. A instituição que me recebeu foi a Universidade Federal de São Paulo (Unifesp). Quero agradecer ao dr. Luis Ferla e aos membros do grupo de pesquisa História, Mapas e Computadores (Hímaco) e dos projetos Pauliceia 2.0 – Karine R. Ferreira, Luis Ferla, Gilberto R. de Queiroz, Nandamudi Vijaykumar, Carlos Noronha, Rodrigo Mariano, Denis Taveira, Gabriel Sansigolo, Orlando Guarnieri, Thomas Rogers, Michael Page, Fernando Atique, Daniela Musa, Janaina Santos, Diego Morais, Cristiane Miyasaka, Cintia Almeida, Luanna Nascimento, Jaine Diniz e Monaliza Santos. Sou especialmente grato pelas festas de chegada e despedida de que esse grupo participa comigo várias vezes ao ano.

Pesquisadores não podem fazer seu trabalho sem colegas em arquivos, e quero agradecer a Josianne Oliveira, Elisandra Gasparini, Maria Talib Assad e Roque Fernandes do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas do Instituto Butantan, além de Sergio de Simone, Maria Luisa da Silva, Rodrigo Galvão e Sandra Pereira. No Arquivo Público do Estado de São Paulo, Janaina Yamamoto, Haike Kleber da Silva e Elzio José da Silva foram imensamente prestativos. Os arquivistas do Arquivo Histórico Municipal de São Paulo e do Arquivo Aguirra do Museu Paulista da Universidade de São Paulo foram fundamentais em minha busca por informações, assim como Anna Levin do Ibero-Amerikanisches Institut – Preußischer Kulturbesitz e o dr. Eduardo de Masi e seus colegas da Secretaria Municipal da Saúde de São Paulo.

Três unidades da Universidade Emory financiaram os alunos que fizeram parte do Coletivo de Pesquisa Lesser: o Instituto de Saúde Mundial, o Conselho Universitário de Pesquisa e o Programa Interdisciplinar de Bolsas para Professores. Uma bolsa Tome (Toward an Open Monograph Ecosystem [Rumo a um Ecossistema Aberto de Monografias]) de uma colaboração entre a Associação de Universidades Norte-Americanas, a Universidade Emory e a Fundação Andrew W. Mellon permitiu uma versão de acesso aberto do livro, e eu gostaria de expressar minha gratidão a Mae Velloso-Lyons, coordenadora sênior do programa, e ao comitê de avaliação de Publicações Digitais de Humanidades pelo apoio.

Gisela Fosado, diretora editorial da Duke University Press, tem sido uma apoiadora e incentivadora constante ao longo de muitos anos e muitos livros. Sua generosidade e seu otimismo sempre me inspiram. Os dois

revisores anônimos do manuscrito original fizeram comentários incríveis, e sou grato por seu altruísmo na avaliação da obra, por suas abordagens tanto metodológicas quanto analíticas. Na Duke University Press, Alejandra Mejía, Lalitree Darnielle e A. Mattson Gallagher cuidaram do design e da preparação do texto, enquanto Ihsan Taylor e Kimberly Miller fizeram um trabalho heroico ao transformar o manuscrito em um livro.

Na Emory, Keith Anthony, Becky Herring, Shinn Ko e sua equipe, Alexandra Lemos, Phil MacLeod, Xochtil Marsilli-Vargas, Franzene Minott, Marissa Nichols e seus alunos, Pablo Palomino, Thomas D. Rogers, Allison Rollins, Karen Stolley, Ana Catarina Teixeira, Leonardo Velloso-Lyons, Katie Wilson, Yanna Yannakakis e Kelly Yates me encorajaram a ser criativo e colocar a pesquisa, o ensino e os acadêmicos no primeiro plano da experiência universitária.

Fazer pesquisas fora dos Estados Unidos pode ser desafiador, e os coordenadores do Departamento de História, James Melton, Kristin Mann, Joe Crespino e Sharon Strocchia, me incentivaram a solicitar bolsas e lutaram pelo tempo que eu precisava para obtê-las. Michael Elliot, Deboleena Roy, Carla Freeman e Susan Lee me apoiaram enquanto eu mantinha o projeto em andamento, apesar das minhas próprias responsabilidades administrativas.

Nesse projeto e em muitos outros, o apoio e a amizade de Christopher Dunn foram fundamentais. Jaqueline Wolf e seus colegas do Departamento de História da Universidade de Ohio me incitaram a seguir em frente com o projeto quando eu ainda não tinha descoberto aonde ele ia. Os participantes do Seminário Latino-Americano de Toronto, organizado por Gillian McGillivray, incluindo Peter Beattie, Anne-Emanuelle Birn, Benjamin Bryce, Jerry Dávila e David Sheinin, melhoraram imensamente os primeiros parágrafos e páginas que escrevi. Sérgio Costa e seus colegas da Universidade Livre de Berlim, assim como Benito Schmidt e Ruben Oliven e seus colegas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, deram-me oportunidades de apresentar trabalhos em andamento, enquanto capítulos mais desenvolvidos receberam excelentes críticas no Workshop Latino-Americano e Latinx da Emory em 2023, organizado por Yanna Yannakakis e Mónica Garcia Blizzard. Membros do Seminário de História das

Migrações no México da Universidade Nacional Autônoma do México, incluindo Daniela Gleizer, Pablo Yankelevich, América Molina del Villar, Irina Córdoba e Catherine Vézina, deram orientações sobre como expandir meu argumento. O mesmo aconteceu na Universidade de Tel Aviv, onde meus agradecimentos vão para Leo Corey, Raanan Rein, Miri Shefer-Mossensohn e Atalia Shragai. Marcos Chor Maio, Gilberto Hochman e Jaime Benchimol, do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências e da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, ajudaram imensamente a moldar este trabalho, assim como colegas do Centro Maria Sibylla Merian de Convivialidade-Desigualdade na América Latina – incluindo Tomaz Amorim, Sérgio Costa, Jörg Dünne, Roberta Hesse, Barbara Göbel, Susanne Klengel, Anna Levin, Melanie Metzen, Joanna Malgorzata Moszczyńska, Marina Falcão Motoki, Marcos Nobre, Barbara Potthast, Joaquim Toledo Jr., Peter W. Schulze e especialmente Simone Toji.

Um dos prazeres deste projeto foi fazer apresentações ao redor do mundo: em Moçambique, no Centro de Investigação em Saúde de Manhica; e no Brasil, na Casa do Povo, no Hospital Emílio Ribas e na Faculdade de Medicina da Unifesp em São Paulo. Fabio Valentim e seus alunos da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade me ajudaram a pensar sobre o espaço de novas maneiras. Meus agradecimentos especiais a Nadya Guimarães Araújo, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães, Cássio Silveira, Denise Martins, Oziris Simões e Gildo Magalhães dos Santos Filho por me incluírem em tantos eventos diferentes relacionados à saúde.

Muitos dos capítulos quase concluídos do livro foram apresentados em uma série de seminários na Universidade de Zurique, com o apoio da chefe do Antropoceno, Debjani Bhattacharyya. Ela e seus colegas e alunos foram notavelmente generosos ao ceder seu tempo. Quero agradecer especialmente a Martin Dusinberre, Matthieu Leimgruber, Yi-Tang Lin, Moe Omiya, Camille Elisabeth Schneiter e Leila Girschweiler.

Debjani Bhattacharyya, Alexander Cors, Monaliza Caetano dos Santos, Christopher Dunn, Matthew C. Gutmann, Pablo Palomino, Emily Sweetnam Pingel, Thomas D. Rogers (cujo coeficiente é a estrela do capítulo 6), Tuli Shragai, Surbhi Shrivastava, Heeju Sohn e Chris Suh leram e comentaram o rascunho final do manuscrito, aprimorando muito esta obra.

Livros começam e terminam com a família e os amigos, e muitas pessoas de ambas as categorias foram mencionadas acima. Outros que ouviram falar até demais sobre este projeto incluem Inês da Silva Pimentel, Jung Yun Chi, Laís Miwa Higa, Dária Jaremtchuk, Xochitl Marsilli-Vargas, Denny Tavares, Celso Zilbovicius, Giovani Sacrini, Raanan Rein, Esti Rein, Roberto Lang, Barbara Lang, Roney Cytrynowicz, Monica Cytrynowicz, Patrick Allitt, Samy Katz, Gabriel Londe e Harold Solomon. Os Lesser e os Shavitt são uma constante em toda a minha pesquisa. Para minha crescente família, Eliana, Aron e Ana, Gabi e Sabin, este livro não poderia ter acontecido sem seu apoio e amor.

Esta é a quarta vez que tenho o prazer de trabalhar com a Editora Unesp na tradução e publicação de uma versão em língua portuguesa de um dos meus livros. Em todas elas, apreciei o coleguismo e o apoio de Jézio Hernani Bomfim Gutierre, diretor-presidente da Fundação Editora Unesp, e de Rosa Maria Capabianco, secretária da presidência. Leandro Rodrigues e Jéssica Holanda foram interlocutores fundamentais enquanto o livro passava pelas diferentes etapas de produção e publicação. A excelente tradução deste livro foi feita por Giuliana Gramani, que também verificou as citações para garantir que o original em português apareça nas citações. Paula Manfredini, Luanna Mendes do Nascimento e Eliana Lesser revisaram o livro tanto em sua primeira minuta em português quanto em uma versão posterior, quase pronta para publicação.

*Viver e morrer em São Paulo* recebeu uma bolsa Open Monograph Ecosystem de uma colaboração entre a Associação de Universidades Norte-Americanas, a Universidade Emory e a Fundação Andrew W. Mellon. Isso permitiu uma versão de acesso aberto do livro, e quero agradecer a Mae Velloso-Lyons, coordenadora sênior de programas, e ao comitê de avaliação de Publicações Digitais em Humanidades pelo apoio.

Este livro não poderia ter sido escrito sem o apoio e a gentileza dos meus muitos parceiros no Brasil e no Bom Retiro – profissionais de saúde, pacientes, moradores e queridos amigos. Esta edição é uma homenagem à resiliência e ao compromisso deles com a melhoria da saúde e da assistência médica para todos.

## *Introdução*

### *Vende-se uma arma*

Um dia, encontrei uma arma. Ela estava escondida em um armário no apartamento dos meus falecidos sogros em São Paulo, cidade que tem sido um dos meus lares há quase quatro décadas. Por que os pais da minha esposa, pacíficos e cumpridores da lei, ambos refugiados da Europa da era nazista, esconderiam uma arma? Encontrar o objeto levou a uma combinação de incidentes e sorte que moldou as perguntas que este livro faz sobre movimento, ambiente construído e viver e morrer, seja por doença ou violência.<sup>1</sup> O revólver, e minhas tentativas de me desfazer dele, levaram-me a uma jornada por geografias, temporalidades e povos que incluíram imigrantes e autoridades de saúde pública, bairros e edifícios, doenças e curas, vida e morte.

A tentativa de me livrar do revólver, como explico em mais detalhes a seguir, terminou em uma longa viagem na parte de trás de uma viatura policial até meu local de pesquisa no Bom Retiro, bairro da região central da cidade de São Paulo que é o foco geográfico deste livro (Mapa I.I). Esse distrito tem uma longa história de ascendência indígena e africana, mas tem sido popularmente estereotipado por mais de um século como um local habitado sobretudo por imigrantes. No final do século XIX, os recém-chegados eram principalmente católicos vindos da Itália, sendo também expressiva a presença de pessoas oriundas da Espanha e de Portugal.<sup>2</sup> No entreguerras, tanto a religião quanto a origem nacional dos imigrantes

---

1 Malta et al., “Association between Firearms and Mortality”.

2 Bastos, “A territorialidade portuguesa”, p.237.

começaram a mudar, com a entrada de judeus do leste e gregos ortodoxos. Cristãos coreanos, principalmente protestantes, começaram a se estabelecer no local no início dos anos 1960. Na década de 1980, bolivianos e paraguaios recém-chegados, muitos deles evangélicos protestantes, tornaram-se a espinha dorsal da força de trabalho em oficinas ou residências, muitas vezes propriedade de descendentes daqueles que chegaram antes.<sup>3</sup> Mais recentemente, o bairro se tornou o lar de imigrantes vindos da China, da África, do sul da Ásia e do Caribe.

Desfazer-se legalmente de uma arma no Brasil em meados de 2015 (antes da eleição de Jair Bolsonaro e a flexibilização das restrições de compra e posse de armas) foi muito desafiador. Jogá-la no lixo era, como minha família concordou, uma péssima ideia, já que a violência armada é recorrente no Brasil. Foi fácil encontrar informações *on-line* sobre o programa de recompra de armas do governo brasileiro, mas dias de telefonemas para as autoridades não deram em nada.<sup>4</sup> Por fim, minha esposa, muito determinada, entrou em contato com a inspetora Aparecida,<sup>5</sup> da Guarda Civil Metropolitana de São Paulo, que concordou em me ajudar.

A inspetora Aparecida sugeriu que ela, eu e a arma nos encontrássemos na estação de metrô Sé, localizada em um dos oito bairros que compõem o centro histórico de São Paulo, densamente povoado e geograficamente compacto. Coloquei o revólver na mochila junto com um formulário do *site* da Polícia Civil que dava permissão para usar o transporte público ao vender uma arma. Geralmente me desloco na cidade usando ônibus e metrô, mas essa era a primeira vez que eu andava armado. Foi assustador e emocionante.

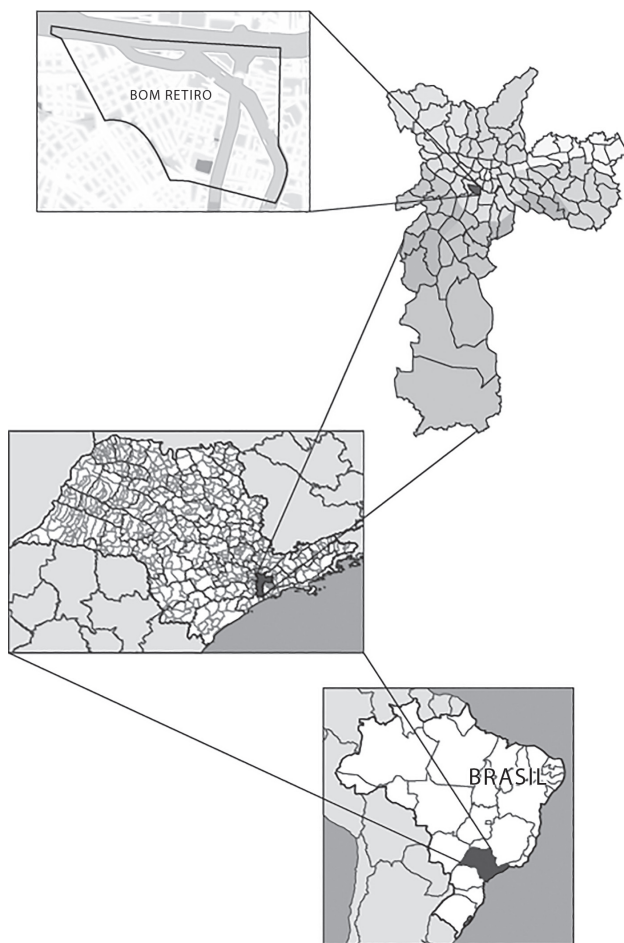
Desci na estação Sé, tentando pensar em maneiras de explicar o revólver se eu fosse revistado, pois não estava totalmente confiante de que meu

---

3 Buechler, “Sweating it”.

4 “Entregar voluntariamente arma de fogo, munição e acessórios”, Justiça e Segurança, *gov.br*, <https://www.gov.br/pt-br/servicos/entregar-voluntariamente-arma-de-fogo-municao-e-acessorios>. Última atualização em: 5 jan. 2023.

5 Neste livro usamos sempre nomes fictícios, para preservar as identidades dos personagens.



Mapa I.1. *De cima para baixo*: Mapas situando o bairro do Bom Retiro dentro da cidade de São Paulo, o município dentro do estado de São Paulo e o estado dentro do Brasil. Preparado por Surbhi Shrivastava e Savannah Miller, Coletivo de Pesquisa Lesser, 2023. Fontes: Cidade de São Paulo, Subprefeitura Sé, “Bom Retiro, Todas as vias localizadas dentro do perímetro abaixo serão contempladas”, 7 mar. 2013. <https://capital.sp.gov.br/web/se/w/noticias/36878>; <https://saopaulomap360.com/s%C3%A3o-paulo-neighborhood-map>; *Wikimedia Commons*, File: Sao Paulo in Brazil.svg, “Location of State of São Paulo in Brazil”, 12 set. 2022, [https://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o\\_Paulo\\_\(state\)#/media/File:Sao\\_Paulo\\_in\\_Brazil.svg](https://en.wikipedia.org/wiki/S%C3%A3o_Paulo_(state)#/media/File:Sao_Paulo_in_Brazil.svg).

documento da internet convenceria a polícia de que eu não era um criminoso. Minha paranoia diminuiu quando a inspetora Aparecida e seus dois guarda-costas apareceram, um trio nada surpreendente, já que em São Paulo a polícia geralmente patrulha em duplas ou grupos.<sup>6</sup> Juntos, caminhamos até uma delegacia na Praça da Sé, centro geográfico oficial e ponto de fundação da cidade. Uma enorme catedral observa a praça dominada por uma estátua imponente do século XVI do padre José de Anchieta, o “apóstolo do Brasil”, ministrando a povos indígenas ajoelhados, embora outra interpretação a veja como um monumento à opressão. Nas décadas depois da Segunda Guerra Mundial, a Praça da Sé sediou alguns dos protestos políticos mais importantes do Brasil, mas hoje está repleta de protestantes evangélicos em rompantes de fervor religioso, geralmente pregando em igrejas estabelecidas por meio de uma fita azul colocada no chão. Vendedores ambulantes, cada vez mais vindos da África, vendem seus produtos em lonas amarradas com cordas que podem ser rapidamente recolhidas para evitar batidas policiais. Muitos habitantes de São Paulo sem moradia formal vivem na Praça da Sé e em seus arredores, onde organizações de serviço social fornecem refeições.

Chegamos à delegacia, localizada próxima à estátua de Anchieta em um prédio que antes abrigava um albergue informal para imigrantes sem documentos. Apesar da patente da inspetora Aparecida, os policiais foram desdenhosos, alegando que não tinham em mãos a papelada para comprar a arma. Eles sugeriram que tentássemos outra delegacia, localizada a menos de 500 metros de distância, em frente à Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo. Lá fomos nós: a inspetora, seus guarda-costas, a arma e Jeffinho. Encontramos a base policial móvel dentro de um pequeno furgão convertido. O veículo curiosamente tinha acesso à internet, e o policial concordou em gerar a papelada necessária para recolher a pistola. Dei-me uns tapinhas nas costas por fazer a coisa certa e me preparei para caminhar os trinta minutos até o Bom Retiro, onde tinha um compromisso no arquivo do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas, que estava repleto de documentos que eu ansiava ler.

---

6 Willis, “Antagonistic Authorities”.

Como costuma ocorrer, não entendi de fato o que estava acontecendo. O policial me disse que eu não poderia simplesmente entregar a arma e ir ao arquivo. Ele explicou que a polícia tinha que comprar o revólver. Isso significava papelada, muita papelada. Os primeiros formulários eram objetivos – minhas informações pessoais e uma descrição de como e onde encontrei o revólver. O segundo conjunto de documentos era sobre a arma em si. O nome do fabricante estava gravado na armação, mas o calibre não. O policial chamou seus colegas para o espaço apertado em que estávamos, e, juntos, eles tentaram descobrir o calibre da arma, como ela funcionava e onde inserir as balas.

Após cerca de vinte minutos de uma análise minuciosa, a verdade foi revelada: o “revólver” que tanto aterrorizou a mim e a minha família era na verdade uma pistola de partida; depois, fiquei sabendo que meu sogro a disparava para dar início a corridas de atletismo infantil.<sup>7</sup> Quando descobrimos que o revólver não letal tinha o cano preenchido e não era capaz de disparar balas, achei que isso arrancaria risadas e permitiria que a polícia me dispensasse. A inspetora Aparecida viu as coisas de outra forma. Se a “arma” tinha enganado seus colegas, ela avaliou, enganaria outras pessoas e, portanto, poderia ser usada para cometer crimes.<sup>8</sup>

A pistola de partida não tão mortal havia se tornado novamente uma arma letal. Ela precisava sair de circulação, o que só poderia acontecer se eu a vendesse para a polícia. A transação precisava ser cuidadosamente documentada, pois no Brasil – e na maior parte da América Latina – tanto a população quanto o Estado político (ou seja, políticos e legisladores) desconfiam em grande medida dos agentes estatais, como a polícia.<sup>9</sup> Essa

---

7 Os amantes de dorama (como este que vos fala) gostarão da cena de um policial examinando uma arma falsa no primeiro episódio de *Na direção do amor*, que foi ao ar pela primeira vez em 16 de dezembro de 2020. Vou deixar a cargo dos leitores decidir qual dos dois atores principais melhor representa minha experiência. *Wikipedia*, s.v. “Run On (TV Series)”, última modificação em: 10 mar. 2024, 3:50 (UTC), [https://en.wikipedia.org/wiki/Run\\_On\\_\(TV\\_series\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Run_On_(TV_series)).

8 Isa Stacciarini, “Bandidos usam cada vez mais armas de brinquedo e de pressão em assaltos”, *Correio Braziliense*, 7 mar. 2017.

9 E. Ribeiro, “Confiança política na América Latina”; Keefer, Scartascini e Vlaicu, “Shortchanging the Future”; M. Machado e Pimenta, “Authoritarian Zones within Democracy”.

desconfiança fica evidente não apenas na venda de armas. Para os imigrantes, ela fica clara quando a Polícia Federal brasileira emite um documento confirmando a aprovação da residência do imigrante, porém, como descobri durante minha própria experiência de migração, um segundo documento é necessário para confirmar a legitimidade do primeiro nos postos de controle de fronteira nos quais a mesma Polícia Federal atua. A falta de confiança também fazia com que não fosse possível eu presentear a arma à polícia, pois isso poderia criar um cenário em que a pistola fosse revendida ou repassada ilegalmente. Isso não deveria ter sido uma surpresa para mim – embora tenha sido! –, dada a extensa pesquisa existente sobre as linhas frequentemente tênues entre violação e aplicação da lei.<sup>10</sup>

Por conta dessa desconfiança sistêmica, a polícia e eu precisávamos formalizar uma transação para provar que eu havia vendido uma arma de verdade e que eles a haviam comprado e depois descartado. Isso significava ainda mais papelada. O processo de gerar o recibo da venda levou quase duas horas, e durante esse tempo os policiais e eu conversamos sobre família, minha pesquisa e futebol. O recibo, o policial explicou, não era o fim do processo. A arma só seria registrada como vendida depois que eu fosse a um caixa eletrônico do Banco do Brasil e digitasse um código especial que me levaria a uma tela específica para venda de armas. Ao usar uma senha especial nessa tela, eu receberia o dinheiro e um recibo que deveria guardar. O policial, pensando (de maneira sensata) que eu era um idiota por tentar vender uma pistola de partida, deu-me a seguinte senha: 1-2-3-4. Ele a anotou para mim no recibo, em números grandes. Depois me fez repetir a sequência em voz alta duas vezes – “Um, dois, três, quatro; um, dois, três, quatro” –, já que pode ter concluído que eu não sabia ler bem e queria garantir que eu seguisse o procedimento. Segui as instruções e fiquei não só aliviado por me livrar da arma como feliz por receber o equivalente a cerca de 25 dólares.

Com a conclusão da venda da arma, era hora de a inspetora voltar para seu escritório, na sede da Polícia Civil, perto da enorme Estação da Luz, obra de um arquiteto britânico localizada no Bom Retiro. Como o arquivo do Museu de Saúde Pública Emílio Ribas era perto, a inspetora Aparecida me ofereceu

---

10 Vanderwood, *Disorder and Progress*; French, *Drowning in Laws*.